



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## Redes sociais e obtenção de trabalho: trajetórias, atributos e relações<sup>1</sup>

Nadya Araujo Guimarães

Universidade de São Paulo/Dep.Sociologia e Centro de Estudos da Metrópole

[nadya@usp.br](mailto:nadya@usp.br)

Ana Carolina Silva Andrada

Centro de Estudos da Metrópole

[caandrada@gmail.com](mailto:caandrada@gmail.com)

Monise Fernandes Picanço

Centro de Estudos da Metrópole

[monise.picanco@gmail.com](mailto:monise.picanco@gmail.com)

Priscila Pereira Faria Vieira

Centro de Estudos da Metrópole

[prifariavieira@yahoo.com.br](mailto:prifariavieira@yahoo.com.br)

Essa comunicação trata do acesso a oportunidades de emprego. Seu partido analítico dista do modo tradicional, que equaciona o problema pela ótica da estrutura de oferta de lugares no mercado de trabalho. Sem duvidar da importância desse enfoque, pretendemos entender como chances (i) são figuradas como possíveis, (ii) são tornadas prováveis, vale dizer são acionadas pelos indivíduos, e (iii) são efetivamente construídas em suas trajetórias. Hipotetizamos que esse é um movimento em que se mobilizam (reflexivamente) e se articulam atributos individuais e redes relacionais. Nem um, nem outro tem relação necessária, putativa, com o resultado final (obtenção, ou não, de trabalho; qualidade, maior ou menor, da ocupação lograda). Ademais, mobilização e articulação de atributos estão imersas na dinâmica biográfica das trajetórias individuais, que não são apenas percursos ocupacionais, mas envolvem outros percursos (migratórios, reprodutivos, escolares, só para citar alguns).

A consequência empírica desse partido analítico será o privilégio à análise das micro-relações sociais que sustentam a operação do mercado de trabalho, e que são

---

<sup>1</sup> Esta comunicação ao XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais reúne resultados do projeto “Redes sociais e obtenção de trabalho: os mecanismos não mercantis na operação do mercado de trabalho”, que se desenvolve no Centro de Estudos da Metrópole com apoios financeiros da FAPESP (programa CEPID) e CNPq (Programa INCT). As autoras agradecem o apoio de Miranda Zoppi, Mariel Serapião, Barbara Vazquez, Jonas Bicev, Ivo Costa e João Paulo Santoro, outros membros da nossa equipe de pesquisa que tiveram papel crucial nas etapas de desenho do levantamento de campo, coleta e preparo dos dados que aqui analisamos.



tecidas, por indivíduos particulares (i.e. esculpidos por biografias singulares), a partir das redes tecidas em suas distintas esferas de sociabilidade. Hipotetiza-se, assim, que, sob um mesmo contexto estrutural, as chances de obtenção de trabalho variam não apenas em função de atributos individuais, como em função da natureza das redes em que os indivíduos se inserem, mas - e sobretudo - em função do modo como um e outras são representados, mobilizados e negociados na situação de procura de trabalho.

Com efeito, estudos pioneiros, para o caso brasileiro (como o Marques, 2010), já documentaram que os padrões de conexão das redes pessoais não extinguem as explicações sobre as condições de vida, ainda que sejam de grande valia para ajudar a entendê-las. Por isso mesmo, para que possamos analisar a situação dos indivíduos no mercado de trabalho, é imprescindível não só conhecermos suas redes pessoais, mas principalmente a articulação dessas com as trajetórias de vida dos trabalhadores. Assim sendo, queremos argüir, neste texto, não apenas que os contatos importam – o que Durham (1973) já anunciara em seus estudos pioneiros sobre trajetórias de migrantes –, mas que esses *importam em relação* aos atributos individuais, à capacidade de agência dos indivíduos na sua busca por trabalho e aos caminhos que imprimem, pouco a pouco, às suas trajetórias ocupacionais.

Para dar curso a esse interesse teórico, desenhamos um estudo que combinou entrevistas biográficas e técnicas de mapeamento de redes, colhidas junto a uma sub-amostra extraída de um banco de 1.504 demandantes em agências de emprego, que responderam o *survey* conduzido em 2004 na Região Metropolitana de São Paulo. Uma tipologia (técnica GoM) foi construída para caracterizá-los. A sub-amostra de cerca de 200 casos, extraída para este estudo, foi estratificada segundo tal tipologia, garantindo que se representasse a diversidade desses perfis. Já foram até aqui realizadas entrevistas com 26 desses casos, entre 2009 e 2010, para recompor os eventos da trajetória e os modos de aquisição de trabalho, as suas diferentes esferas de sociabilidade vínculos tecidos, de modo a mapear e caracterizar as suas redes de relações pessoais.

Para a presente comunicação, selecionamos oito caso-tipo, extraídos do repertório dessa pesquisa. Eles são especialmente elucidativos por facultarem explorar diferentes modos pelos quais atributos e relações se entrelaçam e como tal entrelaçamento se faz possível e se desenvolve, sob diferentes configurações, no curso



das trajetórias ocupacionais dos entrevistados. Eles iluminam, ademais, as vias de articulação entre mecanismos mercantis e não mercantis na operação do mercado de trabalho.

Para a construção da nossa argumentação partiremos de dois casos, os de Sandra e Dulcinéia. Tomando em consideração apenas os atributos das suas redes egocentradas, elas em muito pouco se diferenciariam. Ambas possuem redes médias (vis-à-vis aos demais casos): a de Sandra com 45 contatos e 228 vínculos entre os nós, e a de Dulcinéia com 45 contatos e 210 vínculos;<sup>2</sup> a densidade dessas duas redes (relativamente elevada) é praticamente a mesma. Redes que podem ser descritas a partir de vínculos tecidos em um leque de espaços de sociabilidade igualmente similar; 8 e 7 diferentes esferas de sociabilidade resumem e organizam, respectivamente, os contatos de Sandra e de Dulcinéia. Dessas esferas, um número também similar (4 e 3, respectivamente) diz respeito àquelas que denominamos “esferas institucionais”, nas quais as formas de sociabilidade se institucionalizam em interações assentadas em espaços públicos nos quais é mais provável a convivência entre diferentes<sup>3</sup>. Além disso, Sandra e Dulcinéia mostram, em seus contatos, a mesma propensão à homofilia, ou seja, a se relacionar com pessoas similares a elas próprias; tomando-se por exemplo o sexo daqueles com quem tecem laços, em 60 e 65% dos casos, respectivamente, os seus vínculos são tecidos com outras mulheres.

No que concerne a seus atributos pessoais, é certo que elas apresentam algumas diferenças em sua condição migratória, idade e posição na família. Sandra é paulistana, mais jovem (28), solteira e não tem filhos; já Dulcinéia é migrante, mais velha (39) e chefe de uma família mono-parental, com um filho adolescente. Apesar disso, elas têm semelhanças em outras dimensões igualmente importantes para a nossa análise. Ambas moram na zona sul da cidade de São Paulo, ambas em bairros considerados socialmente vulneráveis. As duas possuem ensino médio completo, conquanto Dulcinéia tenha feito curso técnico de radiologia. Convergem também em seus percursos laborais, marcados por um intenso trânsito entre ocupações, indicativo de trajetórias ocupacionais em que são escassos os eventos de longa duração.

---

<sup>2</sup> A menor rede coletada por essa pesquisa era formada por 24 nós e a maior por 123. As redes foram divididas entre pequenas (até 31 nós), médias (entre 33 e 55 nós) e grandes (60 nós ou mais).

<sup>3</sup> Exemplos dessas interações institucionalizadas em espaços que são predominantemente públicos podem ser encontrados nas esferas religiosa, escolar e ocupacional de sociabilidade.



Todavia, mesmo com tantas características a aproximá-las, são particularmente distintos os percursos de Sandra e Dulcinéia. A primeira possui uma trajetória relativamente ascendente, enquanto a segunda tem um percurso marcado pela vulnerabilidade. Nesse sentido, Sandra e Dulcinéia ilustram dois tipos básicos de configuração nas quais similitudes importantes quanto aos atributos individuais e às características relacionais podem conviver com diferenças significativas nos padrões de percurso – mais inseguro, como o de Dulcinéia, ou relativamente mais estável, como o de Sandra.

Nesse sentido, os dois casos parecem desafiar hipóteses apressadas, porque assentadas em juízos simplificadores que (apressadamente) tenderiam a explicar o acesso ao trabalho por uma relação unilateral seja com os atributos, seja com as redes relacionais. Assim fazendo, esses casos nos ajudam a deslindar o modo como se tecem os elos entre uns e outras no curso de trajetórias biográficas singulares. Veremos como essas variadas situações com respeito ao mercado de trabalho, podem ser melhor entendidas – e esse é o ponto que nos interessa:

- (i) seja por diferenças relativas às características sociais das pessoas com as quais construíram e mantiveram vínculos;
- (ii) seja por diferenças no modo como cada uma delas mobilizou a sua rede de relações, na busca por trabalho, ao longo de suas trajetórias ocupacionais.

Vale dizer: atributos, relações e percursos devem ser tomados a partir das relações que guardam entre si, se queremos bem interpretar as escolhas e os resultados ocupacionais logrados pelos indivíduos em sua busca por trabalho. Por isso mesmo, trataremos, na análise que se segue, de articular as características individuais de cada uma das entrevistadas às suas formas específicas de tecer vínculos e de mobilizar redes pessoais, formas essas variáveis ao longo de suas trajetórias biográficas.

Mas, e esse é um segundo ponto importante: se partimos para a análise em profundidade de dois casos desafiadores, por seu valor heurístico, é porque queremos salientar o modo como se tecem, em diferentes biografias, os mecanismos que levam a um dado resultado ocupacional. Sendo assim, seria um contra-senso reduzirmos o espaço de variabilidade a apenas duas configurações singulares. Por isso mesmo, nosso



segundo passo analítico, neste texto, será mostrar como cada uma dessas “configurações básicas” (Dulcinéia e Sandra) comportam “variantes que elucidam outros modos particulares de tecer os elos entre atributos, relações e trajetórias. Na sessão subsequente, e tomando Dulcinéia como ponto de partida, seguiremos explorando outros casos significativos (os de Francisco, Vanda e Deise) que ilustram modos distintos de articular esses mesmos determinantes e produzir um mesmo resultado, a vulnerabilidade ocupacional. Finalmente, a última sessão fará o mesmo percurso analítico, só que tomando o caso de Sandra como configuração básica, para enriquecê-la através de outras três variantes (Elisabete, Rogério e Damaris) que com ela compartilham um resultado no plano ocupacional, o de uma certa estabilidade, tecida, entretanto, em cada uma dessas variantes, por diferentes formas de ir articulando, ao longo de suas biografias, perfis individuais e experiências relacionais.

### **1. A produção da vulnerabilidade: os modos de articular atributos e relações em quatro contextos biográficos. Dulcinéia, Francisco, Vanda e Deise**

*Eu queria ser qualquer coisa, menos onde eu tô hoje, mas... incrível, continuo no mesmo lugar. Quer dizer, eu só estudei, né, me preparei (Dulcinéia, 39 anos)*

**Dulcinéia** é uma sergipana, negra, nascida em Tobias Barreto. Tinha 39 anos, quando a entrevistamos em 2010. A sua trajetória ocupacional (ou, quando menos, aquilo que ela concebe como sua trajetória “de trabalho”) se iniciara apenas aos 19 anos, com a migração para São Paulo. Na verdade, Dulcinéia ali chegou já com o seu primeiro emprego assegurado; uma de suas irmãs, que a precedera na migração, a havia indicado para uma oportunidade como empregada doméstica, com carteira assinada.

Por essa porta entrou no mercado de trabalho e nesse segmento permaneceu. De fato, ocupações ligadas ao serviço de limpeza e/ou aqueles que não necessitam de qualificação, perpassam toda a sua biografia; afora os trabalhos como diarista que, juntos, somam 12 anos da sua trajetória, seus cinco empregos registrados são ou se iniciaram na limpeza e três deles se deram em casas de família. Dentre os mecanismos para chegar às oportunidades de trabalho, domina a “indicação” (direta ou por intermediada por informação de um terceiro); quatro dos seus cinco trabalhos



registrados foram assim conseguidos, bem como pelo menos dois dos seus trabalhos como diarista e os outros dois trabalhos não ligados à limpeza.

Durante os 20 anos em que mora na cidade de São Paulo, Dulcinéia terminou o ensino médio e fez um curso técnico de Radiologia. Entretanto, até meados de 2010, não havia conseguido trabalho na área em que se qualificou. Uma das razões para essa dificuldade é explicitada pela própria entrevistada. Segundo ela, o mercado de trabalho na área de Radiologia é bastante “fechado” e a inserção em tal área começou a ser facilitada através de concursos públicos. Sua procura tem se dado através da internet ou pedindo ajuda a antigos colegas que, a seu juízo, têm contato com a área. Ela tem consciência da importância dos contatos, dos quais não dispõe, razão pela qual nada conseguiu até aquele momento.

*Entrevistadora – E nessa área, na área de radiologia, você falou que procura por site e por indicação...*

*Dulcinéia – Isso, é mais por indicação.*

*Entrevistadora – Mas já teve alguma indicação? Assim, alguém já te deu alguma indicação: “Ah, vai lá em tal lugar”; e você foi?*

*Dulcinéia - Não.*

Ou seja, os seus contatos não parecem suficientes para fazê-la ingressar nesse nicho do mercado de trabalho. Por um lado, porque poucas são as pessoas do seu círculo de relações que têm ligação com a área de radiologia. Por outro lado, porque as demais pessoas com as quais estabelece vínculos são parte do mundo que ela quer abandonar, muito parecidas com ela do ponto de vista socioeconômico e, por isso mesmo, igualmente distantes do universo profissional ao qual quer aceder. Com efeito, nada menos que 63% das pessoas da sua rede mora no seu bairro ou em outras áreas periféricas da Zona Sul de São Paulo. Entre as demais, apenas duas, que a ela se vinculam pela esfera do trabalho, parecem ter um perfil socioeconômico distinto; mas, ainda assim, engajadas em atividades que em nada se articulam com as oportunidades que podem ser disponibilizadas na área de radiologia.

A configuração das esferas de sociabilidade tecidas por Dulcinéia ao redor do trabalho e do estudo é igualmente reveladora da sua dificuldade em manter vínculos que não tenham como base relações primárias, de vizinhança ou de família. A esfera trabalho é composta quase totalmente por contatos de seu emprego atual; são vínculos de curta duração e aparentemente instáveis. Já as esferas de sociabilidade construídas



em suas experiências de estudo são exíguas em relações: em cada uma delas Dulcinéia indica a sobrevivência de apenas um contato formando a sua rede pessoal atual. Ou seja, aqueles vínculos que, a princípio, poderiam lhe dar acesso a outros espaços de sociabilidade não se mantêm.

Ao contrário, Dulcinéia mostra-se mais conectada àqueles com quem estabelece relações primárias, por vínculos familiares ou de vizinhança, as quais estão baseadas na proximidade física e na semelhança dos perfis socioeconômicos. Todos os indivíduos que lhe deram alguma dica de trabalho que deu certo (e que entraram na sua rede pessoal, tal como coletada na entrevista) são seus familiares. Assim, se seus contatos pessoais criam oportunidades de emprego, eles acabam por ajudar a retê-la em trabalhos de pouca qualificação, ligados à limpeza, e distantes de seu objetivo, o de alcançar um emprego que a leve a exercitar sua competência em radiologia. Ou seja, os atributos da sua rede pessoal não se configuram em ativos que, uma vez mobilizados, possam lhe alçar no mercado de trabalho.

Do ponto de vista dos seus atributos, Dulcinéia parece reunir características que também contribuem para dificultar a sua mobilidade social. Sua cor parda e a origem nordestina provavelmente pesam na balança das chances. E se é certo que, na longa entrevista, em nenhum momento experiências de discriminação vieram à baila, tema de resto silenciado pela maioria dos entrevistados, esses dois atributos a situam em dois dos grupos de mais alto risco com respeito ao reparto de oportunidades no mercado de trabalho paulistano, os negros e os nordestinos.

Mas há ainda outro passivo, relacionado à sua posição na família que sem dúvida tem afetado negativamente a sua trajetória profissional. Dulcinéia é mãe solteira, e cria sozinha um filho de 15 anos; não apenas o criou, mas o mantém sozinha. Ela tem consciência das dificuldades que enfrenta no mercado de trabalho e da vulnerabilidade de sua trajetória profissional:

*Eu queria ser qualquer coisa, menos onde eu tô hoje [auxiliar de limpeza], mas... incrível, continuo no mesmo lugar. Por isso que eu tô falando que eu não progredi muito. Quer dizer, eu só estudei, né, me preparei, mas...Enfim, não sei se foi acomodação da minha parte. Você querendo ou não, uma pessoa sozinha, com filho, você vai procurar às vezes assim... Eu via o salário do mercado e ainda pagando aluguel, com filho, como eu ia fazer? E o único lugar que tirava um dinheirinho a mais era nesses lugares que eu fiquei [trabalhando como diarista e com trabalhos que pediam pouca qualificação].*



No trecho acima, Dulcinéia esquadrinha com clareza o desafio que enfrenta (ascender profissionalmente), a sua impotência face ao mesmo (transparente na sua incredulidade face ao resultado) e aquele que entende ser o limite que se interpõe entre desejo e realidade (a condição de mãe solteira e provedora exclusiva). Na nossa análise anterior procuramos articular esse resultado, para ela inaceitável (a mobilidade inalcançada e a permanência na vulnerabilidade), ao modo como se combinam os seus atributos e traços que bem descrevem sua rede, homofilia e localismo.

**Francisco**, como Dulcinéia, tem uma trajetória de trabalho pouco segura. Isso os aproxima e nos fez incluí-lo nessa primeira configuração, tipificada por Dulcinéia. Igualmente migrante, e nordestino, aos 20 anos Francisco deixou a Bahia rumo a São Paulo. Desde então – e o entrevistado tinha 30 anos quando o encontramos – Francisco permaneceu prisioneiro de um setor, o da construção civil, apesar de ter realizado uma série de cursos técnicos em áreas tão distintas quanto treinamento para porteiro, informática, montagem e manutenção de computadores ou marketing.

Francisco conseguiu todos os seus trabalhos no setor por meio de contatos da sua rede. Curiosamente, entretanto, ele não tem um discurso sobre o modo como os procurava e nem como os obtinha. Pelo contrário, para Francisco, na construção civil parece que bastaria tomar a decisão de ingressar e obteria trabalho. Ele destaca, por exemplo, que raramente há intervalos de tempo entre um serviço e outro; mais comum era que dois serviços diferentes se sobrepusessem. A cada momento em que desempenhou outras ocupações – por exemplo, como garçom – a construção civil permanecera como o seu espaço de garantia de renda, para o qual ele sabia poder voltar se não obtivesse do seu novo trabalho aquilo que desejava.

Se a rede é o meio que identificamos como central para a obtenção de seus trabalhos na construção civil, é curioso notar que, quando busca empregos em outras áreas, Francisco faz uso preferencial de outros mecanismos de procura, como anúncios de jornal e, sobretudo, agências de emprego. Essas, entretanto, não parecem lhe haver brindado com bons resultados; isso porque, apesar do seu freqüente recurso ao mercado de intermediação, poucos foram os empregos para os quais Francisco foi chamado e, a



todos eles recusou, visto o baixo salário oferecido, que não compensaria a renda obtida como autônomo na construção civil.

*Entrevistadora: (...) você falou que procurou bastante em agência. Como foi essa tua experiência nas agências? como que você fazia? como você ficou sabendo?*

*Francisco: Jornais, né? a gente vai no jornal, às vezes alguém vai procura e fala: “Ah, tal empresa tá pegando”. Aí “cê” vai... Teve um que eu fui na agência de Itapevi e fiz uma prova; passei, fiz teste na empresa, mas quando ia falar em salário, né, é muito baixo.*

A rede de Francisco tem 33 contatos, ou seja, é uma rede média se a comparamos aos demais casos. Mas é uma rede relativamente mais densa, com 196 vínculos entre os nós. Marcante homofilia de gênero: mais de 80% da rede é composta por contatos do sexo masculino. Quando observamos as suas seis esferas de sociabilidade, percebemos uma sobreposição significativa entre os contatos que se estabeleceram em sua esfera de trabalho - composta, sobretudo, por colegas da construção civil - e aqueles constantes da sua esfera de vizinhança - composta por migrantes, seus conterrâneos. Ou seja, a homofilia de gênero parece estar ligada à homofilia com respeito a outras características sociais dos nós que formam a sua rede; eles são homens, trabalhadores da construção civil, vizinhos e conterrâneos (ou filhos de conterrâneos). Não por acaso, é das esferas trabalho e vizinhança que Francisco obtém informações e dicas de empregos na construção civil; mais notável ainda: não há contato registrado na sua esfera de trabalho que já não lhe tenha fornecido esse tipo de ajuda.

Como Dulcinéia, se, por um lado, esses contatos homofílicos lhe proporcionaram os múltiplos trabalhos temporários, que lhe garantiram renda, por serem vínculos com indivíduos socialmente muito similares, eles não lhe proporcionaram acesso a outras oportunidades de emprego que lhe facultassem a ascensão social esperada, dados o seu investimento em qualificação profissional e a sua busca sistemática através de agentes do mercado (anúncios de jornais ou agências).

Por outro lado, ainda que a estrutura da rede de Francisco pareça ser mais desfavorável que a de Dulcinéia - por ser menor e mais densa, além de mais homofílica (logo com maior probabilidade de redundância de informação) -, não deixa de ser curioso que ela tenha lhe propiciado uma trajetória ocupacional mais segura. Francisco



esteve, por exemplo, menos sujeito a períodos de desemprego que Dulcinéia. Ainda que menor e mais densa, a rede de Francisco era favorável a gerar informações regulares sobre trabalho na construção civil (afinal, um mundo de homens e de migrantes!), mesmo se nada efetiva para a sua mobilidade social; para o que nem os seus esforços por qualificar-se foram um antídoto. Ainda assim, pôde sobreviver a partir desses trabalhos (mesmo se indesejados). Mas há um novo dado elucidador: Francisco é solteiro, não tem filhos e vive só; ou seja, os seus cálculos no mercado de trabalho estão livres dos constrangimentos que Dulcinéia destacara acima.

Se contrapusermos o caso de Francisco ao de Vanda, outra de nossas entrevistadas a ter tido uma inserção mais insegura no mercado de trabalho, é possível explorar outros modos pelos quais atributos individuais e eventos da trajetória de vida podem se relacionar às trajetórias profissionais. Vejamos em seguida.

**Vanda** tinha 39 anos no momento da entrevista. Parda, nasceu em São Paulo, onde concluiu o ensino médio em um curso supletivo. Nos quatro anos anteriores à entrevista fez uma série de cursos técnicos, dentre os quais os de cabeleleiro e informática. Estava separada e vivia com seus dois filhos jovens. A sua rede tem 26 contatos e 106 vínculos. É, portanto, não apenas menor, mas menos densa que a de Francisco. Mas é igualmente local e homofílica em termos do sexo dos seus contatos – quase 70% dela é composta por mulheres –, sendo também extremamente local - 92,3% de seus contatos vivem num raio de cerca de quatro quilômetros do seu local de moradia.

Diferentemente do caso de Francisco, em que homofilia e localismo não impediram a sua rede de lhe prover abundantes informações sobre trabalho, no caso de Vanda inexistiu tal virtuosidade inesperada. Mais ainda, Vanda é o único caso, dentre os que trataremos, em que as redes não são o mecanismo mais freqüente de obtenção de trabalho. Das 14 empregos assalariados que compõem a sua trajetória ocupacional, apenas três foram obtidos a partir de informações provindas de seus contatos familiares ou de vizinhos bastante próximos de sua família. Para Vanda, as redes não são o mecanismo usual na sua busca por trabalho. Como Francisco, é por meios mercantis que costuma procurar emprego; mas, diferentemente dele, Vanda consegue empregos fazendo uso desses meios. Metade das suas 14 ocupações foi obtida por mecanismos



mercantis e sem apoio em redes de contatos pessoais: três por meio de agências de emprego, duas por anúncio e duas por prospecção direta.

Francisco e Vanda fazem largo uso de mecanismos mercantis e, mesmo se de modo não intencionado, procuram escapar das limitações de suas redes. Curioso, entretanto, o fato de que Francisco (mesmo tendo investido em sua formação técnica, complementarmente à busca mercantil) não obtenha o mesmo tipo de resultado que Vanda. Terão os atributos individuais algum papel explicativo, como mediadores desses outros fatores, que até aqui trouxemos à luz?

Com efeito, Francisco demonstrou na entrevista não dominar os códigos de conduta exigidos dos que buscam trabalho por meios mercantis, como é o caso das agências de emprego. Revelou timidez, dificuldade em articular suas idéias e uma narrativa plena de erros gramaticais. Sabemos, por outros estudos (VIEIRA, 2009; GUIMARÃES, 2009), que essas características o distanciam do padrão do "bom demandante de trabalho", tal como entendem as selecionadoras no mercado de intermediação; ou seja, o modo como se apresenta nesse tipo de situação não o auxilia a obter os trabalhos com a qualidade que almeja.

Mas pesa a favor de Francisco o fato de que ele sempre conseguia serviços no setor de construção civil e, deste modo, podia abrir mão de empregos que não lhe remunerassem tão bem. Já Vanda não teve esse suporte. Pior: ela tem filhos para cuidar, enquanto Francisco era um provedor apenas para si mesmo. Trata-se, afinal, de um caso em que a posição na família e os próprios eventos do ciclo de vida tiveram impacto importante na regularidade das trajetórias de trabalho. Vanda teve dois filhos e deixou o mercado de trabalho nas duas vezes em que engravidou, voltando a procurar emprego quando os filhos tinham entre dois e três anos de idade. Voltou a deixar o mercado para cuidar do irmão, quando este se recuperava de um acidente. Sua trajetória é, assim, entremeada por interrupções devidas a eventos familiares, que contribuíram para sua inserção desfavorável no mercado de trabalho e também para a dificuldade de manutenção dos vínculos construídos nas esferas profissionais.

**Deise** é a mais jovem dentre os quatro casos ilustrativos dessa primeira configuração; completara 27 anos no momento da entrevista. Negra, estava casada e



tinha uma filha. Nasceu em Guarulhos, cidade da Região Metropolitana de São Paulo, em cuja periferia ainda vive. Finalizou o curso médio, e havia também investido em vários cursos profissionalizantes (informática, mecânica e manicure).

A sua rede é significativamente maior face aos casos dessa primeira configuração (74 contatos e 376 vínculos), com menor homofilia de gênero, muito embora seja menos densa. Essas são características positivas, a sugerir, a um intérprete apressado, a existência de circuitos de informação distintos e maior riqueza de informações a circular na rede. Entretanto, isso não ocorre no caso de Deise; evidencia maior, ela estava desempregada no momento da entrevista. E por que? Aí reside o interesse em agregarmos, com esse caso, uma nova variante para essa primeira configuração. Vejamos.

Notamos uma forte ligação entre os contatos que resultavam, por um lado, de suas relações na escola e, por outro, das suas interações com seus familiares e antigos vizinhos, a indicar quão circunscritos e superpostos eram os vínculos nesses três âmbitos por onde tecia suas relações. Dito de outro modo, sobressai o localismo que caracteriza a sua rede, da qual quase 80% mora ou em seu bairro ou no bairro vizinho; bairros socialmente periféricos, vulneráveis e com muito menor acesso a serviços. Nesse sentido, o localismo que caracteriza a sua rede não só tem um efeito negativo por limitar a entrevistada a informações concentradas em um mesmo espaço geográfico, como funciona como um passivo, em suas tentativas de ultrapassar, pelo trabalho, sua situação atual, já que a homofilia social lhe diminui as chances de obter, pela sua rede, informações que possibilitem mobilidade social.

Em outros casos já apresentados (Vanda, Francisco e Dulcinéia) também reconhecemos um efeito de homofilia social, latente na conformação da rede; e em todos eles vimos que as possibilidades de ascensão social eram menores. Entretanto, eles diferem de Deise na medida em que são casos em que a procura de trabalho é bastante expressiva, estando fortemente presente como orientador da conduta do entrevistado. No seu discurso, entretanto, apesar de estar desempregada, a procura não aparece como central à sua busca por reinserção no mercado de trabalho. Isso ficou claro já na primeira pergunta que abria a entrevista:

*Entrevistadora - Então, eu queria que você falasse pra gente, de 2004 até agora como foi a sua experiência?*



*Deise - De trabalho?*

*Entrevistadora - Isso.*

*Deise - De 2004 pra cá eu trabalhei só numa loja, e, assim, não saí pra procurar serviço, não trabalhei fora não, só em casa mesmo.*

Já na sua primeira frase transparece o peso dos eventos da vida privada; família, casamento e maternidade marcarão a sua biografia, a sua trajetória ocupacional e, porque não dizer, a configuração da sua rede. Deise mora em Guarulhos desde seu nascimento, vivendo hoje com o marido e a filha pequena; quando casou, mudou-se para o bairro vizinho àquele onde residiu por toda a vida. Na sua narrativa biográfica destacam-se os seus papéis de mãe e dona de casa, o que não só a faz estar voltada “para a casa”, mas reforça a predominância das esferas de sociabilidade primárias, como a família e as vizinhanças, antiga e atual. A força avassaladora desses papéis na organização da sua vida explica o fato de que seja a única, dentre os casos selecionados, cuja rede pessoal carece de uma esfera de sociabilidade resultante da sua inserção (mesmo se frágil e/ou eventual) no mundo do trabalho. Não sem razão, Deise só procura trabalho em momentos de desemprego do marido, e tem como único recurso para fazê-lo a sua investida, individual e isolada, junto aos possíveis empregadores; nem redes e nem instituições do mercado estão presentes secundando essas incursões episódicas.

A principal ocupação de Deise, de 2000 em diante, foi o trabalho como bordadeira. É uma atividade que se organiza em grupos de trabalho, montados de maneira fluída na vizinhança, nos quais cada uma das bordadeiras recebe por peça produzida. Mas, sobretudo, é um trabalho passível de ser exercido no seu domicílio, coadjuvando com a sua atividade doméstica. Feito em casa, o bordado é, em seguida, é levado à pessoa responsável por entregar o produto à empresa contratante. São trabalhos esporádicos, bicos, que a entrevistada faz de acordo com as necessidades financeiras da família. Por ser realizada em casa, essa ocupação reforça o insulamento de Deise no espaço domiciliar e na esfera familiar, dificultando a formação de vínculos entre as bordadeiras e mesmo o seu reconhecimento de que haja uma esfera de sociabilidade que resulte da sua (esporádica e isolada) experiência de trabalho, mesmo sabendo que contatos existem para a realização deste seu bico. A força desse cotidiano de eventos familiares é notável, sendo ela que organiza o tempo da narrativa: o início do bordado tem como marca temporal o “antes de eu ter a minha filha”; e a busca por bordados está



ligada ao maior ou menor “relaxamento” no curso da vida, reflexo da presença (ou ausência) de trabalho na vida do marido. Veja-se o trecho abaixo:

*Deise - O bordado é assim, você pega quando você quer pegar, né? Não é uma coisa, assim, que precisa seguir regras. Se você quer pegar, você pega; se não quiser, você não pega.*

*Entrevistadora - E desde quando que você borda, você lembra?*

*Deise - Acho que 2000, antes de eu ter a minha filha eu já bordava.*

*Entrevistador - E aí, vira e mexe, você pega alguma coisa?*

*Deise - É.*

*Entrevistador - Desde 2000 pra cá?*

*Deise - É. Pego, assim, quando tá precisando de mais dinheiro; aí a gente borda mais. Quando tá mais sossegado, que nem agora, o meu marido ficou desempregado no mês passado, daí preciso bordar mais. Aí quando ele arruma um serviço, eu fico mais relaxada, não precisa bordar tanto. (Grifos nossos)*

Deise parece ter optado por ser dona de casa e não atuar no mercado de trabalho. Difere de Vanda, para quem os eventos familiares também influenciam a trajetória ocupacional, mas em cujo discurso a procura tem lugar destacado. Na narrativa de Deise, ao contrario, a busca por trabalho e a construção de uma trajetória profissional não são prioridades; e agora podemos entender o porquê.

Vistos, em conjunto, esses quatro primeiros trajetos confluem para um mesmo resultado, o da inserção precária no mercado de trabalho. E usamos precária num duplo sentido. Por um lado, porque os vínculos que estabelecem são efetivamente inseguros, seja por sua instabilidade, seja pelo escasso rendimento que provêm. Por outro lado, porque eles são percebidos como precários, seja porque não facultam ao entrevistado exercer a ocupação almejada (e para a qual crê haver-se preparado), seja porque não lhe permitem fazer face aos compromissos e papéis sociais correlatos à sua condição geracional, ou à sua posição no grupo familiar. Todavia, o modo como se chega a esse resultado convergente varia conforme o caso; cada um deles figura um arranjo entre efeitos de atributos e efeitos de relações, operantes, ambos, de maneira particular, ao longo de cada biografia individual. Mais ainda, cada um deles mostra que são as nuances ou os aspectos particulares, relativos seja aos atributos, seja à natureza da rede, os mecanismos eficientes que, uma vez enlaçados no curso de suas práticas e ancorados em suas representações, estabelecem os graus de liberdade dentro dos quais está o resultado a ser alcançado por cada quem no mercado de trabalho.



Na seção seguinte exercitaremos esse mesmo olhar analítico para recuperar nuances no que concerne a trajetórias que levam a outro desfecho, qual seja, o da obtenção do trabalho relativamente estável, com maior qualidade visto o rendimento que propicia, e mais próximo daquilo que fora subjetivamente almejado. Como ponto de partida, tomaremos novamente um caso-chave, e esse será o de Sandra. Em seguida, procuraremos nuançar os modos de relação entre trajetórias, atributos e redes, lançando mão de três outros casos, confluentes pelo seu resultado, mas variantes no modo de articular os mecanismos que propiciaram tal desfecho; eles serão os de Elisabete, Rogério e Damaris. Para bem entender por que consideramos Dulcineia, nesta sessão, e Sandra, na subsequente como configurações chave, iniciaremos explorando o que as aproxima e o que as diferencia.

## **2. A produção da (relativa) estabilidade: os modos de articular atributos e relações em (outros) quatro contextos biográficos. Sandra, Elisabete, Rogério, Damaris**

*“Hoje em dia emprego é “QI”, emprego “QI” é “Quem Indica”.  
A maioria dos meus empregos é ‘quem indicou’” (Sandra).*

**Sandra**, negra, tinha 28 anos no momento da entrevista. Nasceu em São Paulo, onde vive com sua irmã e uma sobrinha. Solteira e sem filhos, havia terminado o ensino médio e feito um curso de formação para manicures.

Sandra e Dulcinéia, dissemos na introdução, têm estruturas de rede bastante semelhantes: cerca de 45 contatos e densidades quase idênticas. A primeira tem oito esferas em sua rede e a segunda, sete. Essas redes também não se distinguem grandemente pela homofilia de sexo existente entre os seus respectivos contatos. Entretanto, a rede de Sandra é bem menos local que a de Dulcinéia (28,89% dos seus contatos vivem no mesmo bairro que ela, contra 51,16% no caso de Dulcinéia). Afora isso, três outros traços as diferenciam fortemente: as características dos indivíduos que compõem cada uma das redes; o modo como as esferas de sociabilidade foram formadas (e mantidas) ao longo do tempo; e, finalmente, a maneira como cada uma dessas entrevistadas diz mobilizar a sua rede de contatos.

Diferentemente de Dulcinéia, Sandra parece ter mantido os vínculos criados em seus ambientes anteriores de trabalho. Mais interessante ainda: eles fazem parte não



apenas do grupo de pessoas que classifica como sendo contatos tecidos nas suas esferas de trabalho, mas são por ela incluídos entre os contatos que compõem outras esferas de sociabilidade, como as por ela denominadas dos “Amigos de Sair” e dos “Amigos de Casa”. Ou seja, mesmo essas duas esferas que não são representadas como “de trabalho” são formadas por contatos feitos em seus ambientes profissionais atuais ou pretéritos. No momento da entrevista, Sandra tinha dois empregos: durante o dia, trabalhava em uma loja de materiais esportivos, em um shopping; aos finais de semana, trabalhava como caixa em uma casa noturna. Se observarmos a sua trajetória, perceberemos uma gradual ascensão no que diz respeito aos empregos obtidos.

Assim, o modo como, ao longo de sua trajetória, Sandra construiu e alimentou vínculos em espaços institucionais, como o da vida profissional, impactou no tipo de trabalho a que ela teve acesso e no tipo de contato que lhe propiciou novas dicas de trabalho. Esses contatos, em sua maioria, não são locais e nem vêm de suas esferas primárias; ou seja, estamos longe da homofilia que perpassara várias das descrições de casos na sessão anterior.

Outra característica que diferencia Sandra da configuração anterior de casos é que, em seu discurso, ela deixa claro que sua rede pessoal é intencionalmente mobilizada na procura por emprego. Em diversos momentos da entrevista, Sandra relata pedidos feitos a seus contatos no sentido de intermediarem, em seu benefício, uma vaga nos lugares em que eles estavam trabalhando. Com efeito, das sete dicas de emprego recebidas de pessoas de sua rede, cinco vieram de contatos de seu trabalho atual ou de contatos que se vinculam a algum dos trabalhos anteriores. Ela é explícita no modo de tematizar o papel dos contatos, em geral, e em especial na sua carreira profissional:

Sandra: “Hoje em dia emprego é “QI”, emprego “QI”, é “Quem Indica”. A maioria dos meus empregos é quem indicou”.

O caso de Sandra ilustra, assim, como as características dos contatos de uma rede, notadamente o modo como são estabelecidos e, sobretudo, mantidos, podem ser mecanismos decisivos a deslindar se queremos bem entender como a rede pessoal pode interferir na trajetória ocupacional. Nesse sentido, não basta conhecer o tamanho e número de esferas de uma rede para avaliar o tipo de informação que ela pode gerar e, menos ainda, o modo como ela pode ser mobilizada pelos agentes.



**Elisabete**, 50 anos no momento da entrevista, nasceu em Goiânia e se mudou com os pais para São Paulo quando tinha apenas um ano de idade. É parda, solteira e não tem filhos. Três características a diferenciam dos demais: cursou ensino superior (Administração); ocupou, na sua trajetória profissional, diversos cargos de chefia; e, embora trabalhando, já se havia aposentado por tempo de serviço.

Sua rede é grande (62 contatos e 321 vínculos) e pouco densa. Além disso, nela inexistiu localismo: apenas 25,8% dos contatos moram em seu bairro e menos da metade mora entre seu bairro e bairros vizinhos. Tampouco é socialmente homofílica; parte de seus contatos apresenta condições econômicas privilegiadas e mora em locais nobres e centrais da região metropolitana de São Paulo. Tudo isso revela que a entrevistada circula por vários espaços, tem acesso a grupos sociais com características socioeconômicas distintas das suas, o que aumenta a probabilidade de ter acesso a informações diversificadas em relação ao trabalho.

Assim como Sandra, vê-se que Elisabete possui uma rede pessoal rica em contatos obtidos em espaços institucionais que estão para além dos seus vínculos primários; são colegas do ensino superior ou mesmo colegas de classe do colegial, com os quais havia convivido há mais de 30 anos. Na esfera dos contatos constituídos nos espaços de sociabilidade ligados à sua vida profissional estão incluídos, ao lado de colegas do trabalho atual (naturalmente, a maioria), alguns amigos cultivados em empregos que exercera 15 anos antes.

Não sem razão, na sua ascensional trajetória, os trabalhos foram predominantemente obtidos através da sua rede; e nisso novamente se assemelha a Sandra, de que tratamos antes, e Rogério, que apresentaremos a seguir. Assim, Elisabete foi indicada por seus contatos para seis de seus dez empregos; destes, apenas dois (significativamente, os dois primeiros de sua trajetória; o primeiro deles, por indicação paterna) não eram registrados e nos quatro outros casos as indicações lhe renderam acesso a cargos de chefia. Ademais, o fato de ter exercido funções de chefia e de frequentemente trabalhar em setores valorizados (financeiro e recursos humanos, por exemplo) parece ter lhe proporcionado a chance de conhecer pessoas, muitas também em cargos de chefia, capazes de lhe fornecer boas indicações de trabalho. Elisabete tem



consciência de que os colegas, nos ambiente de trabalho, foram importantes para a obtenção de empregos e para a construção de sua trajetória:

*Entrevistadora – (...) você já saiu da “Empresa I” [nome fictício] direto pra outra, por indicação de um colega de trabalho?*

*Elisabete - Por indicação de um colega de trabalho. Sempre fui; só procurei emprego quando eu fui pro [Hospital], o tempo do[Hospital] e esse último [grande período de desemprego]. Sempre tive alguém me indicando, sempre teve alguém vendo o meu trabalho e passando pro outro. Não tive dificuldade. (Grifos nossos)*

Curiosamente, em períodos de desemprego, ela recorreu predominantemente a mecanismos mercantis. E mesmo quando obteve sucesso, a última posição que ela obteve via agência de emprego não apenas a retira do ciclo de ascensão em cargos de chefia, como a faz regredir; ao contrário dos trabalhos que conseguira através dos seus contatos, que lhe permitiram transição, entre empresas e cargos de chefia, mesmo ainda estando empregada. O trecho abaixo ilustra tanto esse momento especial da trajetória da entrevistada que é, para ela, um momento de instabilização de percursos também para os colegas daquela que chama “a sua equipe”, quanto a sua certeza em que os vínculos profissionais que provêm boas indicações são os recentes, “dos últimos empregos” (o que deixa transparecer os limites da sua capacidade de manter vínculos de modo mais duradouro)

*Elisabete - Aí eu fui pro mercado procurar trabalho.*

*Entrevistadora - Tá, foi o período que tava procurando.*

*Elisabete - Período crítico, de porta em porta; você vai, bate, faz entrevistas, testes. Fui no Centro do Trabalhador, fui de porta em porta, fui por indicação, aí somem as indicações, né? [Risos]. Ué, porque o que acaba indicando também são seus últimos empregos, a minha turma tava tudo na mesma situação que eu, todo mundo na mesma situação que eu. Todo mundo procurando emprego, a minha equipe toda. Algumas se encaixaram em algum cliente, mas eram serviços mais, (como se diz?) mais de montagem, de linha de produção, não pra área de chefia pra cima. Tanto é que quando eu fui pra esse agora, esse emprego, tive que “baixar a minha carteira”, “baixei a minha carteira em 100%”. (...) Porque não tinha! dentro da minha faixa de salário eu não consegui! E eu tentei por muito tempo dentro, ou o melhor; a gente tá sempre querendo progredir, melhorar, não regredir. Mas eu não tive jeito não, eu tive que regredir em termos de salário, em termos de função, tudo! eu voltei, você vê, minha carteira tá... Era, na época, tava mais ou menos com 2 e meio; voltei pra um e meio! Sabe, uma coisa bem defasada pra mim voltar no mercado; mas como faltava pouco, eu tinha que trabalhar, faltava pouco pra mim me aposentar, eu tava com 42 nessa época; em 2006, eu tava com 46 com 48, já podia me aposentar. (...) Aí o negócio foi se sujeitar, qualquer salário, qualquer coisa pra voltar no mercado.*

Consciente da importância dos contatos e dos seus limites para mobilizá-los, Elisabete encontra nesses limites a razão para a quebra no padrão ascensional da sua



trajetória; e deixa evidente o diagnóstico subjacente à sua escolha estratégica, na busca por trabalho, guinando em direção às agências e à prospecção direta neste seu último período de desemprego, quando tinha cerca de 40 anos. Ilustra, assim, uma das vias pelas quais se podem articular os mecanismos mercantis e não mercantis no curso das trajetórias individuais.

**Rogério**, branco e jovem, com 26 anos quando foi entrevistado. Solteiro, não tinha filhos e vivia só. Natural da cidade de São Paulo, havia terminado o ensino médio e iniciara um curso superior em logística que, de acordo com ele, teve de interromper por conta da dificuldade em conciliá-lo com o trabalho.

Tal qual Sandra, Rogério também passou por muitas ocupações – nada menos que oito em um lapso de 12 anos. Ambos se mostraram articulados, bastante extrovertidos na entrevista, uma situação de apresentação de si frente a estranhos, e talvez, por isso mesmo, um proxy, daquilo com que se defrontam nas situações de recrutamento; daí nossa intuição de que provavelmente detêm, mais que outros, os códigos de conduta requeridos na busca por trabalho.

Mais ainda que no caso de Sandra, os contatos foram cruciais na trajetória de empregos ocupados por Rogério. Todos os que obteve, registrados ou não, vieram de indicações certeiras. Não sem razão a sua manifesta consciência acerca da importância das redes, que aciona racional e estrategicamente, mesmo quando está em uma ocupação:

*Rogério - Hoje eu não entrego mais [currículo] pessoalmente; por eu estar trabalhando, quero sempre procurar uma coisa melhor. Então, é só Internet, Internet e vou mandando. E o “QI”, hoje eu acredito no “QI”, se eu fiz amizade com uma pessoa e a pessoa falou: “Tô precisando de uma pessoa.” “Opa, maravilha!” “Não, mas você não tem experiência!” “Eu me viro, deixa comigo!”*

*(...)*

*Entrevistadora – E, por contatos?*

*Rogério - Internet quem faz é a minha namorada; ela vai lá, tem o meu currículo e já sai mandando. E eu só no “tête à tête”. Eu atendo, eu trabalho no bar, então, vão muitos clientes lá, é um restaurante de classe alta. Então, sempre estou conversando, não que eu chego: “Arruma um emprego pra mim”. Não, é antiético isso, mas, porra: “E ai? Você trabalha com o que mesmo? ah, que legal! E como é? Precisa de experiência pra trabalhar? Acho que não, né?” E vai desenrolando o cara ali.*

*Entrevistadora - Tá. Então, você está sempre antenado pra essas coisas.*

*Rogério - Sempre, sempre, sempre.*



(Grifos das autoras)

Essa busca ativa e estratégica por emprego através de contatos é uma das características que parece tornar sua trajetória ocupacional menos insegura e vulnerável que a de Dulcinéia, por exemplo. Entretanto, embora busque por indicações até mesmo entre os clientes de seu trabalho atual, os contatos que lhe renderam dicas certeiras eram pessoas com quem o entrevistado parece manter ou ter mantido relações freqüentes e fortes; com exceção de um contato que ele conheceu no trabalho, os demais eram vizinhos ou familiares. E isso o faz diferente de Sandra e Elisabete, para quem os vínculos primários foram efetivos apenas no início de suas trajetórias, e o aproxima do grupo tratado na sessão anterior, notadamente Dulcinéia e Francisco, cujas trajetórias ocupacionais eram vulneráveis.

Ele também lembra esses dois últimos, e mesmo Vanda, nas características da sua rede pessoal: média (38 contatos e 188 vínculos), com poucas esferas (família, vizinhança e trabalho), marcada pelo localismo (59,5% dos contatos ou moram em seu bairro ou em bairro vizinho), e socialmente homofílica (mais da metade de seus contatos ou teve eventos de trabalho nos mesmo cargos ocupacionais que ele ou mora no bairro em que ele viveu por toda a vida). Todavia, diferentemente daqueles, a homofilia no que respeita à origem social dos seus contatos não aparece como um passivo, um obstáculo às suas iniciativas no mercado de trabalho, haja vista a origem social em meios de classe média estabilizada, tanto de Rogério, como seus contatos. Todos estudaram em escolas particulares e 42% dos contatos da sua rede eram seus vizinhos no condomínio fechado de casas onde morou por toda a vida. Nesse sentido, ter acesso a informações provindas de contatos socialmente semelhantes aos seus tem um sentido diferente daquele observado anteriormente, em casos como o de Vanda, já que a rede pessoal de indivíduos de classe média mostra-se capaz, como documentado em outros estudos, de gerar informações mais diversificadas, já que as suas relações transcendem o espaço em que vivem (Marques, 2009).

**Damaris**, nosso oitavo e último caso, é a mais jovem dentre eles, com 22 anos quando foi entrevistada. Nasceu e vive em São Paulo. Solteira, tem uma filha, e juntas



moram com a mãe e os irmãos. Havia terminado o ensino médio e, no Brás<sup>4</sup>, bairro em que trabalhava, havia feito uma série de pequenos cursos sobre comércio e vendas.

Tal como Sandra, Elisabete e Rogério, Damaris teve também uma trajetória de trabalho ascendente. Começou sua vida profissional trabalhando como vendedora temporária em lojas de shopping e como camelô. Em um curto espaço de tempo, passou por uma série de empregos no comércio, tendo, ao fim, obtido um trabalho registrado em uma loja de roupas no Brás. No início de sua carreira, ainda antes de completar 18 anos, Damaris costumava buscar emprego em agências. Essa estratégia, no entanto, não gerava resultados, o que a fez deixar de fazer uso desse tipo de mecanismo. Sua rede de contatos passou, desde então, a ser o mecanismo central de procura e obtenção de trabalho.

Embora a sua rede pessoal seja uma das maiores coletadas por essa pesquisa, com 123 contatos e 632 vínculos, é também a mais local dentre os casos que compõem essa segunda configuração, já que mais de 60% de seus contatos vivem no seu bairro. Uma espécie de rede que apresenta características que tenderiam a dificultar o acesso a novas oportunidades de trabalho, como o seu localismo, e outras que o facilitariam, como o tamanho e, logo, o número de vínculos por ela abarcados. Quando observamos o que, de fato, essa rede gerou para Damaris, vemos que predomina a influência positiva em sua trajetória: ela não apenas forneceu diversas informações de oportunidades de emprego à entrevistada, como, efetivamente, seis de seus sete trabalhos foram obtidos via indicações de conhecidos. Mais do que um mecanismo importante de obtenção, Damaris reconhece a rede como um mecanismo importante na procura por trabalho, claro que – e é notável a sua clareza estratégica – a depender a qualidade da indicação e do sentido de circunstância, de contexto, do próprio indivíduo em busca de trabalho.

Damaris - *“E a maioria dos meus amigos é assim: pra conseguir emprego hoje em dia você tem que ter alguém que te indique, tem que ser uma ótima indicação e você tem que saber o que você está fazendo ali dentro. Então, é bem complicado”*.

Mas, em que esse caso se diferenciaria, por exemplo, do que relatamos com Francisco, cuja rede era também uma importante fonte geradora de trabalho? Por um

---

<sup>4</sup> Bairro da zona central de São Paulo em que o comércio ligado ao setor de vestuários é fortemente presente.



lado, eles se assemelham no fato de que as informações de trabalho vieram de contatos muito próximos. Vale dizer: apesar de ambos terem estruturas de rede muito diferentes (com respeito ao número de nós), a informação ocupacional provem da mesma área da rede, a saber dos seus contatos homofílicos. A diferença entre Damaris e Francisco pode estar ligada seja à diferença entre as suas ocupações (ou seja, ao segmento de inserção no mercado), seja à pertinência (tal como subjetivamente por eles avaliada) das informações geradas por suas respectivas redes. Assim, Francisco queria encontrar trabalhos em áreas diferentes da sua, mas sua rede lhe proporcionava apenas trabalhos na construção civil; por isso mesmo, ele se via forçado a recorrer a outros mecanismos de procura, como as agências de emprego. Já Damaris buscava empregos no comércio e era esse tipo de emprego que sua rede podia lhe oferecer; boa parte da família de Damaris trabalha no bairro do Brás, região movida pelo comércio de roupas, e, portanto, pode lhe fornecer informações variadas sobre empregos nessa área, inclusive empregos com registro em carteira. Mas, e por isso mesmo, a rede Damaris também limitou as suas opções de trabalho. Significativamente, no momento da entrevista, ela aguardava ser chamada para uma vaga de inspetora, que havia conseguido via concurso. Assim, foi um mecanismo impessoal que lhe permitiu sair de sua área ocupacional e dirigir-se a um emprego em que poderia conciliar melhor suas aspirações e necessidades ocupacionais e sua nova condição de mãe.

Pensando conclusivamente, algumas palavras finais. Os casos-tipo que selecionamos para análise parecem bem ilustrar alguns argumentos. Em primeiro lugar, o recurso a redes pode dar acesso e/ou reter indivíduos tanto em trajetórias de estabilidade, quanto trajetórias vulneráveis. Em segundo lugar, não há elos virtuosos e prévios entre qualquer tipo de característica das redes (ou dos atributos), por um lado, e os resultados, ou logros, individuais no mercado de trabalho, por outro. Vimos, por exemplo, como mesmo o localismo pode alavancar, ou atravancar, a qualidade da inserção ocupacional. Em terceiro lugar, se as estruturas (de oportunidades e de relações) criam constrangimentos, estabelecem os graus de liberdade em que os indivíduos se movem, as suas representações sobre o vivido em suas trajetórias e sobre o esperado para si no futuro imediato são propulsores de articulações entre atributos e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

circuitos, levando (ou não) a tecer relações, e acioná-las, em benefício do trabalho. Por isso mesmo, finalmente, e em quarto lugar, inserir-se ocupacionalmente, estar engajado no mercado em ocupações de qualidade pode, por menos que nos pareça razoável, não ser um alvo que oriente a conduta e organize as ações de muitos em nossa sociedade, que se quer do trabalho.

#### **Bibliografia referida:**

DURHAM, E. R. (1973) *A caminho da cidade – a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Ed. Perspectiva

GUIMARÃES, N.A. (2009) *À procura de trabalho. Instituições do mercado e redes*. Belo Horizonte: Editora Argvmentvm e CERES

MARQUES, E. C. (2010) *Redes sociais, segregação e pobreza*. São Paulo: UNESP.

VIEIRA, P.P.F (2009) *A experiência da procura de trabalho: um estudo de caso*. S.P., Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP.